

JONATHAN BLACK

HISTÓRIA
MÍSTICA
DO MUNDO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

Copyright © Jonathan Black 2013

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *The Sacred History*

Título original: *História Mística do Mundo*

Autor: Jonathan Black

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Gráfica 99

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Ilustrações de capa: Shutterstock

Ilustrações originais: Tabby Booth

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas Lda.

ISBN: 978-989-8907-63-9

Depósito legal: ??? ???/19

1.ª edição: março de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Para Lorna Byrne

ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução: A Visão Mística	21
1. Cai Suavemente o Orvalho... ..	27
2. A Mãe Terra e o Pai Tempo	33
3. O Anjo Miguel e a Serpente.....	37
4. A Mulher Aranha Tece o Seu Feitiço	44
5. Ísis e o Mistério do Encaixe Perfeito	50
6. Amantes Divinos e Mulheres Angélicas	56
7. Ódin e a Teoria Angélica da Evolução	65
8. A História do Precioso Anel	74
9. Homens Possantes, Homens de Renome	80
10. Os Deuses Buscam Auxílio nos Humanos	89
11. Orfeu, a Esfinge e o Fecho Temporizado	96
12. Noé e as Águas do Esquecimento	108
13. Rama e Sita – Os Amantes na Floresta	113
14. Krishna, a Branca de Neve e as Sete Aias	122
15. Gilgamesh e o Elixir da Imortalidade	130
16. Abraão, o Pai do Pensamento na Cabeça	136
17. Moisés e os Deuses da Guerra	147
18. Salomão, Sexo e Beleza	160
19. Elias Entre os Mundos	169
20. A História de Buda	179

21. Sócrates e o Seu Demónio	188
22. Jesus Vira o Mundo do Averso	199
23. O Sol à Meia-Noite	214
24. A Era dos Milagres	227
25. A Montanha Vem a Maomé	237
26. Carlos Magno e os Paladinos da Dor	244
27. Percival Faz Figura de Tolo	252
28. As Mil e Uma Noites	261
29. São Francisco Leva os Evangelhos a Sério	276
30. A Nova Maneira Árabe de Amar	285
31. Dante, os Templários e o Caminho Menos Percorrido	296
32. Christian Rosenkreuz e o Nascimento do Ioga	307
33. Joana e a Chave da Porta Pequena	318
34. As Fadas Querem a Nossa Essência	329
35. Paracelso e os Mistérios da Cura Espiritual	340
36. O Sapateiro Tem Outra Forma de Saber	350
37. Shakespeare e os Rosacruz	362
38. Histórias Sobrenaturais na Era da Ciência	374
39. Napoleão – O Grande Íman da Época	385
40. Abraham e Bernadete	392
41. O Nababo da Estranheza	405
42. O Grande Segredo deste Mundo	417
43. A História da Vida Depois da Morte	425
44. Jung e o Seu Demónio	431
45. Fátima e os Segredos do Anjo da Guarda	439
46. Hitler e os Anjos Húngaros	448
47. Aquilo Sem o Qual	454
48. Lorna Byrne e o Misticismo da Vida Quotidiana	465
Conclusão	475
Notas	481
Bibliografia Seleccionada	521
Agradecimentos	527

INTRODUÇÃO

A VISÃO MÍSTICA

«Deus nos livre da visão única.»

WILLIAM BLAKE

HÁ PESSOAS A VIVER ENTRE NÓS que são capazes de ver o mundo dos anjos com a mesma nitidez com que veem as pedras e os rochedos e as árvores que os restantes de nós veem. Estas pessoas têm muitos nomes, alguns deles rudes, mas aqui chamar-lhes-emos místicos.¹

Às vezes, vivem e trabalham no seio da religião organizada, mas mais frequentemente vivem separadas. Tendem a ser solitárias, talvez figuras isoladas.

A religião organizada sempre achou os místicos uma preocupação. Quando se é um sacerdote sincero e trabalhador, que reza pela fé, mas que, no fundo do seu coração, se preocupa por nunca ter tido uma experiência mística digna desse nome, deve ser difícil se, a alguns quilómetros dali, há uma jovem que fala com anjos o dia todo. Como pode defender com confiança o dogma da Igreja quando desconfia de que outros têm uma experiência pessoal direta de realidades que apenas conhece em teoria?

Escusado será dizer que também os ateus são hostis aos místicos. Para eles, as visões de anjos são puro delírio. Tenho plena consciência de que, se certos psiquiatras de tendência autoritária deitassem as mãos a alguns dos meus amigos, tentariam declará-los esquizofrénicos.²

Ante tal hostilidade, é necessário esclarecer um mal-entendido habitual: a visão mística não é necessariamente inconsistente com a perspectiva científica. Os místicos não estão a pôr em causa os sinais

que os nossos olhos veem. Não estão sequer a dizer que a vida não está a acontecer da forma ordenada que a ciência descreve. O que dizem é que os acontecimentos estão a ter lugar *porque anjos e outros seres espirituais os planeiam*. Porque estão a agir nos bastidores para os fazer acontecer.

Como é que o sabem? Às vezes, os místicos veem apenas o que nós vemos – o mundo físico. Por vezes, entram num estado visionário em que o mundo físico desaparece da vista e veem apenas o mundo espiritual.³ Outras vezes, veem os dois mundos entrelaçados. Um místico pode ver um acontecimento com os dois olhos físicos – como uma mãe a decidir verificar novamente o cinto de segurança que mantém fixa a cadeirinha do seu bebé – enquanto, ao mesmo tempo, vê o mesmo acontecimento com um terceiro olho mais espiritual. Desta perspetiva, o anjo da guarda da mãe está junto ao seu ombro, incitando-a a virar-se e a olhar mais uma vez, porque o fecho não está bem encaixado. Ao fazê-lo, o anjo da guarda do bebé sorri com gratidão e é iluminado pela clara e brilhante luz azul do entendimento.

O que o terceiro olho, ou olho espiritual, vê pode estar fora do mundo físico, mas tal não quer dizer que seja *inconsistente* com o que os outros dois olhos veem. Abre antes uma nova dimensão que entra e sai do mundo físico.⁴

É importante ter em mente esta dupla visão ao refletirmos sobre a criação. Aqui, místicos e cientistas estão, creio eu, a olhar para a mesma série de acontecimentos. *Observam-nos simplesmente de pontos de vista muito diferentes*.

Se for ao Capítulo 1 do Génesis na Versão Autorizada da Bíblia, a sequência de acontecimentos é a seguinte:

E Deus disse: Faça-se luz... Haja um firmamento... Que se separem as águas umas das outras... Que apareça a terra seca... Que a terra produza erva... Que as águas produzam em abundância criaturas vivas em movimento... Que a terra produza... os animais da terra... Façamos o homem...

Se remover a linguagem poética, o que está isto a descrever? É uma sequência em que às partículas subatómicas («luz») se seguem o gás («firmamento»), depois os líquidos («as águas»), os sólidos («a terra



Deus criando o mundo com precisão matemática. (Ilustração de Li Livres dou Trésor, de Brunetto Latini.)

seca»), a vida vegetal primitiva («erva»), a vida marinha primitiva («as águas produzam em abundância criaturas vivas em movimento»), os animais terrestres («os animais da terra») e finalmente os humanos anatomicamente modernos (« façamos o homem»). Visto desta forma, o Génesis é consistente com a perspectiva científica moderna.

Os ateus que querem desacreditar o relato bíblico da criação apontam sempre para a ideia de que teve lugar em apenas sete dias. Mas é claro que a Bíblia nunca pretendeu dizer que o mundo foi criado em sete dias na aceção moderna da palavra «dia», pois um dia é a medida da rotação da Terra na sua relação com o Sol e, no princípio, nem a Terra nem o Sol existiam. No Génesis, a palavra «dia» deve significar uma vasta unidade de tempo semelhante a um éon. O Génesis narra acontecimentos de antes de o tempo tal como o conhecemos ser mensurável, talvez antes mesmo de o tempo existir.

Qual é o problema, então? Porquê a discórdia? Porque o Génesis diz que *Deus planeou esta sequência de acontecimentos. Quis que a criação acontecesse e fê-la acontecer*. Disse: «Faça-se», e viu que era bom.



O Arcanjo Rafael enviado a Adão e Eva.
(Ilustração de Gustave Doré para o Paraíso Perdido de Milton.)

* * *

O QUE É AINDA MAIS PROVOCADOR é que a Bíblia também diz que os anjos ajudaram a levar a cabo as suas intenções e rejubilaram com elas.⁵

A Bíblia é fonte de muitas histórias de anjos, mas existem também outras fontes, algumas igualmente antigas. Os mitos e lendas dos judeus, o Talmude e as tradições místicas da Cabala, que examinaremos mais tarde, completam as descrições dos anjos na Bíblia.⁶ Os místicos sempre alegaram ter conhecimentos sobre o papel dos anjos que podem não estar explícitos nas escrituras, mas que são talvez referidos e codificados no seu interior. Na tradição mística judaica e cristã, o Arcanjo Miguel teve um papel especial na criação



São Miguel ajudando a moldar a forma humana. (Miniatura italiana do século XIII.)

da forma humana, por exemplo, e os atos e personalidades de Miguel e de outros anjos estão escondidos entre as letras e as palavras do Génesis. Como veremos, há também tradições místicas e sagradas de outras religiões que parecem estar a contar as mesmas histórias sobre os mesmos seres.

Olhemos agora para os grandes horizontes abertos por estes místicos e visionários, os panoramas de exércitos de anjos, dinastias de anjos, líderes angélicos, heróis angélicos e, sim, anjos maus. No que se segue, veremos galáxias expandir-se e colapsar e civilizações angélicas erguer-se e tombar.

Serão as batalhas de anjos produto da fantasia humana, como insistem os ateus?

Ou serão as nossas vidas e amores ecos das vidas e dos amores dos anjos?

CAI SUAVEMENTE O ORVALHO...

NO PRINCÍPIO, NÃO HAVIA TEMPO, nem espaço, nem matéria – apenas escuridão.

Os cientistas não têm quase nada a dizer sobre este período – nem os místicos. Independentemente da forma como olhemos para isto, é quase impossível descobrir seja o que for sobre esta escuridão ou encontrar sequer palavras para começar a descrevê-la.

Mas enquanto os cientistas alegam que não era mais do que o vazio, os crentes afirmam que era nada menos do que a mente fervilhante de Deus.

Foi deste ponto de desacordo, numa questão sobre a qual ambos os lados deviam admitir que não sabem praticamente nada, que surgiram as grandes discussões históricas – as inquisições, as perseguições, o encarceramento, a tortura, as execuções, as guerras que continuam até aos tempos modernos.¹

De uma coisa todos temos a certeza, seja qual for o lado de que estamos: é que, para chegarmos onde estamos hoje, tem de ter havido uma transição de um estado de não-matéria para um estado em que a matéria começou. Os cientistas apresentaram teorias para explicar esta muito misteriosa transição, como a teoria do «estado estacionário», que diz que a matéria está sempre a formar-se, que é constantemente precipitada a partir das trevas. Depois, claro, há a teoria do *Big Bang*. Esta diz que a matéria e o espaço e o tempo surgiram todos em simultâneo, irrompendo de um único ponto atemporal e adimensional chamado «singularidade». Mas quer tenha acontecido de forma constante ou num esbanjamento rápido, isto é, seja qual for a *velocidade* do processo, se lá tivesse estado com dois olhos físicos e tivesse podido

observar estes acontecimentos através do mais poderoso dos microscópios, teria visto partículas subatômicas muito finas, de início quase abstratas, evoluir e ganhar a forma de átomos. O Cosmos estava a inundar-se de *coisas* na forma de uma névoa muito fina.

Poderá ter-se recordado do espanto que sentiu na infância ao acordar de manhã e sair para o jardim para descobrir que o orvalho precipitara a partir do ar. Embora parecesse não ter chovido durante a noite, os primeiros raios de sol revelavam um relvado reluzente de gotas de água. Na tradição mística judaica, o orvalho místico da criação é por vezes idealizado a cair suavemente da grande juba desgrenhada de Deus.²

Ou poderá ter-se lembrado do espanto que sentiu no laboratório de química quando, entre os bicos de Bunsen e os suportes para tubos de ensaio, viu pela primeira vez cristais com formas bonitas a formar-se numa solução, como se ideias que são de outra dimensão estivessem a entrar na nossa dimensão material. E se for um crente, foi exatamente isso que aconteceu – e essa outra dimensão, a que dá forma e estrutura à nossa dimensão material, é nada mais nada menos do que a mente de Deus.

Nas visões dos místicos, o processo de criação começou quando Deus começou a pensar – quando os pensamentos começaram a emanar da mente de Deus, onda após onda. E, da mesma forma que onda após onda a bater na margem alisam os seixos da praia, assim onda após onda saídas da mente de Deus moldaram a primeira matéria.

Olhe com mais atenção para esta versão mística dos acontecimentos, olhe com imaginação, e poderá ver que estas ondas de pensamentos são na verdade constituídas por milhões de anjos. A primeira onda é feita de anjos gigantes que enchem todo o Cosmos. A seguir vem uma onda de anjos menores que os anjos maiores ajudaram a criar e, juntas, estas geram uma terceira onda de anjos mais pequenos. Esta sequência continua a correr até que finalmente chegamos aos seres espirituais minúsculos. Estes esforçam-se por tecer aquilo que reconhecemos como o mundo material que nos rodeia, os rochedos e as pedras e as árvores.³

Equiparar os pensamentos de Deus a anjos pode parecer estranho. Por estes dias, tendemos a ter uma fraca ideia dos nossos próprios



Deus a cismar. Os mitos da criação descrevem como a matéria se formou e como as leis fundamentais do Universo foram implementadas. Uma vez que o tempo é uma medida do movimento de objetos no espaço, daquilo que descrevem pode ser dito que tem lugar antes de o tempo tal como o conhecemos ter começado a contar. Segundo a teoria do Big Bang, a matéria e as leis fundamentais do Universo formaram-se após um intervalo de tempo muito curto – por vezes descrito como uma fração de segundo, ou um intervalo de poucos segundos – após a explosão inicial. Mas, de certo modo, se o tempo ainda não tinha começado, qualquer medida deste intervalo é arbitrária. Poder-se-ia igualmente pensar que ele era suficiente para as batalhas dos anjos, para os amores dos deuses e para a ascensão e queda de civilizações que a mitologia descreve. Para uma representação animada disto, ver: <http://www.youtube.com/watch?v=PeasdlUJ86M>

pensamentos, vendo-os como coisas abstratas que mal *existem* sequer. Mas há uma forma mais antiga, e talvez mais esclarecedora, de olhar para os pensamentos, que vem das grandes religiões. Esta vê os pensamentos como *seres vivos*, com um nível de existência independente e vida própria à medida que os enviamos para o mundo para fazer a nossa vontade.

Regressaremos mais tarde a esta forma de olhar para os pensamentos, mas basta dizer aqui que todo aquele que reza acredita em algo semelhante. As pessoas que rezam praticam uma atividade que é um eco da criação do Cosmos por Deus.

* * *

A QUESTÃO É: quando reza, quando pede um desejo a uma estrela, se quiser algo com força suficiente e da forma certa, será que o Cosmos responde? Ou será que a influência age apenas num sentido – da matéria para a mente? Esta questão – de saber se há ou não uma interação entre a mente e a matéria – está no cerne do revolucionário debate intelectual dos dias de hoje.

Qualquer tentativa sincera de responder a esta importante questão envolve analisar os seus sentimentos mais íntimos, os seus medos mais profundos e privados e as suas maiores esperanças. Também



Os hindus têm uma imagem muito bonita. Dizem que Deus sonhou o mundo até à existência. Aqui, Vishnu, o Deus Supremo dos Vedas, jaz sonhando sobre a serpente cósmica. (Gravura de inícios do século XIX.)

apela aos seus mais subtis poderes de discernimento e às mais subjetivas interpretações das suas experiências. Só você sabe pelo que reza no fundo do seu coração. Só você pode avaliar de que forma a sua prece foi atendida. É você o melhor juiz daquilo que qualquer momento específico significa para si. Falamos aqui das mais subtis mudanças e dos matizes da vida interior – não são questões que estejam acessíveis à medição ou ao estudo científico.

Às vezes, os cientistas tentam argumentar que as únicas perguntas que vale a pena fazer são as que admitem testes científicos. Mas este ponto de vista é *apenas científico* e não tem em conta as áreas da experiência relativamente às quais a ciência nada tem de útil com que contribuir. Os ateus militantes entre os cientistas tendem a ser altamente desconfiados destas áreas e a sugerir que não temos realmente estas experiências. No seu ensaio *Da Vida*, Tolstói escreveu sobre esta usurpação, esta tentativa de nos levar a acreditar que não estamos a experimentar o que de facto experimentamos: «A falsa ciência dos nossos tempos assume que não podemos saber a única coisa que realmente sabemos: aquilo que a nossa consciência razoável nos diz.»

Para um ateu, os objetos físicos são a medida do que é real. Segundo o idealismo, por outro lado, a mente é *mais real* do que a matéria. O Cosmos está imbuído de mente, carregado com ela. A matéria está cheia dela e pulsa com ela e responde-lhe. A mente está constantemente a reorganizar a matéria à nossa volta.⁴ E também nós podemos ter uma palavra a dizer a esse respeito. Podemos mudar o rumo da História sentando-nos simplesmente sozinhos numa sala e ficando em silêncio durante algum tempo a pensar nisso...

A crença no poder da mente enquanto motor da matéria é o que distingue o pensamento religioso e espiritual, e este movimento é o acontecimento sobrenatural levado à quintessência.

Todavia, nós, que nos dizemos religiosos e espirituais, comportamo-nos muitas vezes como se não existisse tal coisa como o sobrenatural. Alinhamos frequentemente com a visão atea. Será, talvez, porque tendemos a compartimentar as nossas crenças espirituais? Por exemplo, temos tendência a aceitar uma versão da História na qual Deus e o sobrenatural não desempenham qualquer papel.

* * *

OS MÍSTICOS DEFENDEM que, além de trabalharem juntos para criar o mundo material, os anjos conduziram a Humanidade a grandes pontos de viragem na História.

Tive a sorte, na escrita deste livro, de contar com a ajuda de uma mulher extraordinária chamada Lorna Byrne. Durante toda a sua vida, viu e falou com anjos. Sempre teve uma relação muito especial com um dos anjos superiores, um anjo que desempenhou um papel vital na História humana e que tem uma missão específica na nossa própria era – o Arcanjo Miguel.

Pouco depois de ter ouvido falar na Lorna, um amigo disse-me que o líder de uma ordem religiosa de Roma tinha ido vê-la e que um teólogo sénior de uma universidade de Dublin a consultava quando queria saber se aquilo que estava a escrever sobre as diferentes ordens de anjos estava correto. Desde então, a Lorna e eu tornámo-nos grandes amigos. Em várias ocasiões, pude ler-lhe algumas das histórias conservadas na tradição mística e perguntar-lhe se os anjos concordam, e de vez em quando ela ajudou as histórias e tradições sobre os anjos a ganharem vida para mim.

* * *

AINDA CAI O ORVALHO MÍSTICO?

Desde o nascimento, somos criaturas que estão em parte a ganhar vida e em parte a morrer. À medida que envelhecemos, os nossos modos tornam-se fixos e a parte que morre começa a predominar. O crânio faz força para fora, contra a pele. Mas, mesmo na velhice, continuamos a receber influências vivificadoras, principalmente quando estamos a dormir. Então, o orvalho místico ressurge, reluzindo nas escuras profundezas das nossas mentes. Acordamos revigorados, com vida e propósito renovados.

Isto pode ser visto como obra dos anjos à nossa cabeceira, protegendo-nos e ensinando-nos e preparando-nos para a manhã. Eles comungam com o nosso espírito enquanto estamos a dormir. Abraçam-nos e reconfortam-nos, e assim acordamos sabendo, algures bem dentro de nós, o que precisamos de fazer.

A MÃE TERRA E O PAI TEMPO

«Que guerra é esta no coração da Natureza? Porque rivaliza a natureza consigo mesma e a terra compete com o mar?»

Frases iniciais do filme *A Barreira Invisível*,
realizado por TERRENCE MALICK¹

SE OS OLHOS HUMANOS tivessem existido no princípio, teriam visto vastas ondas de nevoeiro, mais fino e mais subtil do que a própria luz. Esta bruma suave e acolhedora, contentora do potencial de toda a vida, era a Mãe Terra.

Então, diz a Bíblia, «as trevas cobriam o mundo».

Recorrendo às lendas dos judeus e aos mitos da criação de culturas vizinhas, podemos ver parte do que está por trás da narrativa bíblica. Mitos de todo o mundo contam esta história:

A MÃE TERRA ERA FUSTIGADA por um abrasador vento seco. Aos olhos humanos, teria parecido como se a névoa estivesse a ser sacudida por um tufão, mas a visão mística deteta algo semelhante a uma forma humana escondida na tempestade – um gigante de ossos compridos, encapuzado, com pele branca escamosa e olhos vermelhos. A escuridão era o espírito de Saturno. Estava armado com uma foice e desceu, pondo-se em cima da Mãe Terra com negro leite.

– Não tenhas medo. Deixa-me só... deitar sobre ti.

Queria fazer amor com ela? Ou seria o seu único desejo espremer-lhe a vida de dentro dela? Havia nos seus atos uma ambiguidade que deixaria uma cicatriz, um fosso, na estrutura profunda do Cosmos.

Poder-se-ia pensar que a Mãe Terra ficaria aterrorizada ao sentir o hálito frio do gigante, a sua penosa e esgotante presença a pesar cada vez mais em cima dela. Poder-se-ia pensar que tentaria debater-se, que tentaria afastá-lo. Mas ela sabia que *tinha de ser*, que tinha de acontecer de acordo com o plano. Por isso, quando ele tentou cobri-la, ela abriu-se e abraçou-o. Agarrou-o, para que não pudesse levantar-se e voar novamente dali.

– És um homem! – adulou-o ela.

Ab, sim, pensou ele, descobrindo então que não podia erguer o olhar. Conseguiu apenas produzir outro fino silvo metálico.

Ela queria que ele a puxasse para mais perto, para o mais perto que fosse possível a um ser estar de outro. Queria que ele abrisse caminho até ela e ela até ele.²

A Saturno parecia que as reservas dela eram ilimitadas, como se estivesse a absorver toda a sua força, esgotando-o. Mas a ironia foi que também ela começou por sua vez a temer não conseguir aguentar por muito mais tempo. Parecia-lhe que nada lhe restava, que era ele o mais forte. Estava a conseguir sufocar toda a sua vida e, se o fizesse, ela sabia quais seriam as consequências: jamais haveria vida em lugar algum do Universo. Seria para sempre um lugar para o joeirar de matéria morta...

– Faça-se luz.

No momento em que tudo parecia perdido, ouviu-se um som semelhante a uma trombeta e, de repente, vinda do nada, surgiu a luz, sob a forma de um belo jovem, de juba dourada, numa carruagem dourada puxada por cavalos dourados. Sete raios dourados irradiavam da sua frente brilhante, e ele dirigiu-se intrepidamente direito ao meio da tempestade, dispersando as trevas.

O facto de este salvamento ter ocorrido no momento exato definiu um padrão bem fundo na estrutura do Cosmos. Daí em diante, os salvadores viriam sempre à última hora – Robin dos Bosques a rebolar sob a grade do castelo para resgatar a donzela Marian, a cavalaria dos Estados Unidos a chegar para salvar a diligência.

O jovem deus Sol combateu Saturno e derrotou-o. Saturno é um dos nomes de Satanás, o espírito da oposição, e os mitos da criação de todo o mundo conservariam uma memória destes acontecimentos nas histórias de Saturno oprimindo a Mãe Terra e do deus Sol que depois derrota o monstro.

Saturno foi banido para os limites exteriores, onde jaz enrolado à volta do Cosmos como uma grande serpente com a cauda na boca. Era maléfico, mas um mal *necessário*. Devido a ele, as brumas da protomateria tinham deixado de ser informes. À medida que os átomos se formavam, começaram a existir objetos individuais.

Este velho e horrível tirano seria recordado por devorar os seus próprios filhos. O que este mito aponta é que *aquilo que se forma também pode desaparecer*. O problema de se ser uma coisa é este – é-se limitado. Se se pode começar a *ser*, então também se pode deixar de ser.³

No seu momento de triunfo, o deus Sol aqueceu a Mãe Terra, devolvendo-lhe a vida. Enquanto o fazia, cantou-lhe uma bela canção, de início suave e gentil, mas erguendo-se até abalar todo o Cosmos. Era uma canção de vitória e de amor. A canção do deus Sol fez vibrar toda a matéria do Universo. Há uma bonita expressão conservada pelos místicos cristãos para descrever a agitação da matéria primordial: «A dança das substâncias.» Em resultado desta dança, as substâncias começaram a coagular e a formar uma miríade de padrões. Se espalhar um pó, como por exemplo pó de talco, numa superfície semelhante a uma vidraça e passar o arco de um violino pela beira, o pó formará padrão atrás de padrão à medida que a música e as suas vibrações se alteram. Os padrões formados sobre o vidro serão semelhantes aos padrões que se formaram então – as formas de plantas primitivas semelhantes a fetos.

Os Gregos tinham um nome para o deus Sol que assim formou o mundo em padrões: chamavam-lhe «o Verbo». O Verbo estava com Deus e o Verbo era o maior e mais importante pensamento de Deus. Cantando, o Verbo criou a vida. Quando falou sobre o Verbo nos primeiros versículos do seu evangelho, S. João esperava que os seus leitores entendessem o que queria dizer com «o Verbo que brilha nas trevas».⁴

No último capítulo, vimos a misteriosa transição da ausência de matéria para a matéria. Agora, com a chegada do deus Sol, vemos a igualmente misteriosa transição da ausência de vida para a vida – a criação das primeiras formas vegetais.

Germes únicos uniram-se e formaram vastas redes flutuantes de fios luminosos entretrecidos que se dissolviam e voltavam a unir-se em padrões cada vez mais complexos. No centro destes padrões,

formou-se um tronco que estendeu os ramos em todas as direções. Este vasto ser vegetal no coração do Cosmos, cujos membros macios e luminosos se estendiam a todos os seus cantos, era Adão.

As plantas não se reproduzem da maneira sexual que é característica dos animais. Normalmente, solta-se uma semente para formar uma nova planta. Os cientistas chamam a este método vegetal de reprodução partenogénese, e, nas histórias da criação, foi assim que os membros de Adão se separaram para formar Eva. Adão e Eva foram as sementes vegetais do que acabaria por se tornar a Humanidade, e é isto que a Bíblia pretende dizer-nos quando diz que Eva foi criada a partir da «costela» de Adão.

Através da partenogénese, Adão e Eva povoaram então todo o Cosmos. Os seus filhos e os filhos dos seus filhos evoluíram para formas de vida vegetal complexas, incluindo órgãos sensoriais das plantas moldados em forma de flor. Com o tempo, o Universo ficou tão cheio destas flores suavemente palpitantes como o céu noturno está cheio de estrelas.

Esta fase vegetal do desenvolvimento é recordada na Bíblia como o Jardim do Éden. Uma vez que não havia ainda vida animal no Cosmos, Adão era desprovido de desejo e, assim, de cuidados e descontentamento. Vivia num mundo de infinita e sonhadora bem-aventurança. A natureza produzia uma reserva interminável de alimento na forma de uma seiva leitosa, semelhante à seiva dos atuais dentes-de-leão. Os anjos cuidavam deste jardim e a Humanidade vivia em comunhão ininterrupta com eles e podia ver para lá deles e fitar o rosto bondoso do próprio Deus.⁵

Ao longo da História, persistiu o rumor de que é possível a um indivíduo recuperar este ditoso estado. Mais tarde, seguiremos este rumor até à sua fonte e perguntaremos se é verdade.⁶